
A Representação do Contemporâneo pelo Jornalismo em Quadrinhos: Dimensão de Presença a partir de uma Experiência Artística-Filosófica ¹

Júlio César Rocha CONCEICAO²
Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

RESUMO

Investigamos se uma dimensão de presença pode ser criada mediante um intercâmbio temporal possível por uma experiência artística-filosófica. Nossa metodologia é a proposta epistemológica da análise estética de Gumbrecht (2010, 2021). Apresentamos, em nosso *corpus*, a reportagem em quadrinhos, *Planeta em Colapso* (2024), de Pablito Aguiar. O presente estudo se justifica por apresentar experiências atuais que carregam camadas de eventos de períodos anteriores, mediante contextualizações históricas. A historicização da história é uma forma de investigar o passado e o presente que interferem no futuro, analisando a ação humana e suas ações no tempo e espaço.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo em quadrinhos; presença; contemporâneo; narrativa gráfica; experiência.

INTRODUÇÃO

O nosso objetivo é investigar se uma dimensão de presença pode ser construída mediante um intercâmbio temporal, pelo qual ela se move do passado para o presente, estimulando a criação de futuros possíveis. Essa ligação (intercâmbio) seria possível no contexto de uma experiência artística-filosófica. Entendemos como uma experiência artística-filosófica os eventos narrados e testemunhados que se apresentam e emergem como fenômenos diante do leitor. A capacidade de compreender o mundo requer a soma de sua sensibilidade e habilidade de entender o mundo. Essa soma resulta na competência de congelar algo em um evento, pelo menos por um instante. Causando em nossos corpos uma sensação de presença que se estende pelo tempo e espaço, não apenas como pontos de passagem, mas como lugares de reflexão. Para atingir nosso objetivo, levantamos a seguinte questão: quais seriam os efeitos do nosso relacionamento com o passado em analogia a uma dimensão de presença que pode ser percebida durante uma experiência artística-filosófica?

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor dos cursos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG - Unidade Frutal). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). E-mails: julio.rocha@estudante.ufjf.br, julio.conceicao@uemg.br.

A nossa abordagem metodológica segue a proposta epistemológica da análise estética de Hans Ulrich Gumbrecht (2010, 2021) como base para as nossas investigações em relação à experiência artística-filosófica, em suas relações com o textual e o imagético, capazes de produzir uma presença de algo do passado em nosso contemporâneo. Para as análises, utilizaremos a obra *Os poderes da filologia: dinâmica de conhecimento textual*, na qual Gumbrecht (2021) aborda possíveis mobilizações de análises textuais inspiradas no campo filológico. A categoria "Historicizando as coisas" (abrange um dos capítulos da obra de Gumbrecht, 2021) será utilizada em nosso trabalho. Historicizar a história é investigar o passado e o presente que afetam o futuro, analisando o ser humano e suas ações no tempo e no espaço.

Nosso *corpus* de pesquisa é constituído pela reportagem em quadrinhos *Planeta em Colapso* (2024), na qual o quadrinista Pablito Aguiar conversa com Jeferson Moura de Melo (Maninho) e Vanja Moura de Melo, moradores de Alvorada, no Rio Grande do Sul, enquanto percorrem de barco ruas alagadas em busca de um lugar seguro.

Apreciamos esta narrativa gráfica por apresentar experiências atuais que carregam camadas de eventos de períodos anteriores, mediante contextualizações históricas, podem ser usadas como referências no presente e em afirmações atuais de um passado que tenta transitar para um futuro aberto de possibilidades. Isto posto, pensamos na experiência artística-filosófica como propulsora textual e imagética, capaz de mover nossas discussões teóricas e empíricas. A escolha do nosso objeto é caracterizada por se tratar de um tema atual, emergente e atemporal, que se entrelaça ao nosso arcabouço teórico que discute a temática contemporânea sob a perspectiva narrativa do jornalismo em quadrinhos.

Consoante pressuposições exibidas por Vergueiro³ (2017, p. 60), Conceição e Mafra (2023b, p. 172) destacam que as pesquisas sobre quadrinhos no Brasil remontam a mais de cinquenta anos, mas ainda são pouco conhecidas nessa trajetória teórica que analisa produtos narrativos e artísticos. As histórias em quadrinhos são produtos completos como forma de comunicação de massa. Os escritores (2023b) salientam que os quadrinhos tiveram origem no jornal diário, um dos principais veículos de comunicação das grandes massas.

³ Ver em: VERGUEIRO, Waldomiro. Pesquisa acadêmica em histórias em quadrinhos. 1. Ed. – São Paulo: Criativo, 2017.

Conceição e Mafra (2023a, p. 03), destacam que as pesquisas sobre o jornalismo em quadrinhos têm demonstrado um interesse investigativo promissor, sobretudo nos últimos anos. De acordo com Conceição (2023), o jornalismo é um instrumento de aquisição de conhecimento que pode exercer influência nas relações sociais através do resgate e preservação da memória. Durante a apuração dos fatos, o jornalista realiza entrevistas, pesquisas e acessa documentos para obter novas informações, elementos cruciais para uma atividade jornalística séria. A reportagem em quadrinhos é uma das diversas mídias que pode realizar esta cobertura jornalística.

Esses elementos, conforme Conceição e Mafra (2023b) também fazem parte do conteúdo inerente ao jornalismo em quadrinhos, porque a sua forma é determinada por reportagens, experiências, histórias e testemunhos. Esta reflexão se refere ao gesto ficcional que o jornalismo busca para legitimar a ligação do testemunho com a realidade histórica. Parece que o jornalismo reconhece a legitimidade do testemunho, indo além de um gesto memorialístico e, sobretudo, a pretensão de um gesto historiográfico, resultando na criação de uma experiência artística-filosófica.

Além desta introdução, o nosso trabalho é dividido do seguinte modo: no primeiro tópico, intitulado *A ideia de progresso*, abordamos a modernidade e sua queda diante de um presente limitado que ignora o passado em sua capacidade de orientação a uma abertura de horizontes. Como base para essa discussão, temos os pressupostos de Mafra (2021), Filho e Procópio (2023) e Rangel (2019). Em seguida, em *Sobre presença*, com base nas ideias de Gumbrecht (2010; 2015) e Filho e Procópio (2023), discutimos a respeito da dimensão de presença, com foco na experiência estética e em tipos textuais. No terceiro momento, *Nosso amplo presente*, tratamos das mudanças na relação entre o presente e o futuro devido à abundância de passados no interior do espaço contemporâneo. Para isso, incluímos as pesquisas de Gumbrecht (2015), Coradini *et al.* (2019), Oliveira (2015), Filho e Procópio (2023) e Sanz (2004). No quarto tópico, *Narrativas como experiências*, amparados nos estudos de Pimentel (2011), Sanz (2004) e Conceição e Mafra (2023b), analisamos as consequências de uma relação literária com tecnologias capazes de alterar a sintetização de subjetividades e o surgimento de diferentes tipos textuais, como o jornalismo em quadrinhos. Posteriormente, expomos nossa análise sobre a narrativa gráfica em evidência. Por último, chegamos à nossa conclusão.

1 - A IDEIA DE PROGRESSO

De acordo com Gumbrecht (2021), com a instituição da modernidade, o futuro não é mais movido pelo espírito, um tempo e lugar em que a perfeição foi alcançada no mundo abstrato, mas sim pelo progresso, sua substituição, que se estabelece no mundo concreto. A modernidade tem início na Europa Ocidental, por volta de 1800, separando o sujeito do objeto, momento no qual o homem se vê como produtor do saber, assim, nasce um novo sujeito que abre a subjetividade ocidental. Essas transformações atingem os campos: discursivo, epistemológico, social, econômico e cultural, que implicam em alterações da percepção e experiência dos sujeitos.

Consoante Mafra (2021) a ideologia do progresso é identificada como propulsora da modernidade, nessa concepção benjaminiana a história se mostra de forma linear, delineadora de uma direção única para o movimento dos homens, um mecanismo estruturante das relações sociais da modernidade. É importante mencionar que a realização da modernidade não se deu/dá de forma igual e universal:

[...] a modernidade se fez/faz enquanto projeto imperialista e instrumentalizador, forjado por uma invenção superior ocidentalizada, apenas possível pela violência ao corpo/ao desejo e a outras cosmologias e territórios, e instituído pelo gesto de colonização/exploração/extermínio (MAFRA, 2021, p. 94-95).

De acordo com Rangel (2019, p. 35-36), as reflexões de Hans Ulrich Gumbrecht acerca da modernidade e do mundo atual indicam uma diminuição do “espaço de experiência” e do “horizonte de expectativa”. Essa dupla-redução dificultaria a realização (felicidade) dos homens, uma vez que ela estaria intimamente ligada à provocação/criação de outras relações possíveis, com base em uma certa confiança em passados e/ou futuros. “Tal sentido, posto sempre num futuro idealizado e imaginado, move os sujeitos num presente encurtado e tende a ignorar o passado em sua capacidade de orientação para a abertura de horizontes” (MAFRA, 2021, p. 92).

Por outro lado, levando-se em consideração a queda da modernidade, o futuro é sem expectativas e o presente é alargado: “os interesses modernos tendem a apagar marcas do passado de povos e territórios deslegitimados e excluídos da história como parte da tentativa de exaurir o corpo desviante” (FILHO e PROCÓPIO, 2023, p. 272). Pois, a história aspira alcançar e universalizar padrões mediante uma rede temporal de acontecimentos representados por perspectivas discursivas distintas pertencentes a indivíduos que tem o poder de narrar: “ainda em sua vertente tradicional, a história tende

a naturalizar os feitos por meio de discursos heroicos, cronológicos e condensadores de referenciais de poder” (FILHO e PROCÓPIO, 2023, p. 264). Ela tem como propósito investigar o passado e o presente visando alguma interferência no futuro a partir do estudo do homem com sua ação no tempo e no espaço.

Segundo Rangel (2019, p. 35-36), considerando que o mundo atual dificulta a produção de uma confiança significativa em relação a passados e futuros específicos, bem como a possibilidade de realização ou “felicidade” mais propriamente dita, estaríamos assistindo à formação de uma espécie de “cultura do egoísmo” (e do hedonismo), a partir da qual uma grande parte dos comportamentos científicos e práticos estariam sendo moldados. No mundo egocêntrico no qual os homens se esforçam para se satisfazer, a estratégia antropológica que define a modernidade, a da produção de sentido, fundamental para a formação da disciplina História, precisaria ceder espaço para outra estratégia antropológica, a da produção de presença.

2 - SOBRE PRESENÇA

De acordo com Bellin⁴ (2021), o pensamento gumbrechtiano, em relação à dimensão de presença, questiona quais consequências seriam possíveis em nossas relações com o passado, além disso, propõe a mesma questão, relacionando-a à experiência estética. Igualmente, teve como objetivo demonstrar que a dimensão da presença é um fator invariável a ser considerado em tipos textuais. De tal modo, acreditamos que as substâncias inerentes à narrativa gráfica *Planeta em colapso* (2024), que compõe nosso *corpus* de pesquisa, pode se fazer presente junto aos nossos corpos de vários modos e com mais ou menos profundidade. Assim, por presença entendemos que “[...] as coisas estão a uma distância de ou em proximidade aos nossos corpos; quer nos “toquem” diretamente ou não, têm uma substância” (GUMBRECHT, 2015, p. 09).

Portanto, Gumbrecht (2015) questiona sobre duvidar de coisas que estão aparentemente a nossa frente. Posteriormente, afirma que existem fatos que não precisam ser interpretados, pois, a ação que os concretizaram deixou claro seu entendimento. É como se fosse uma primeira impressão que deveria ser registrada como verdade sem criar outros vieses de uma ocorrência nítida: “não porque a presença seja “mais importante” do que operações de consciência e intenção, mas talvez porque seja mais elementar”

⁴ Greicy Pinto Bellin traduziu, em 2021, a obra: *Instead of Comparing: Six thoughts about engaging with a post-historical past*, de Hans Ulrich Gumbrecht, Public Seminar, October 2020.

(GUMBRECHT, 2015, p. 10). A ideia de presença de Gumbrecht (2010) adverte sobre diversas subjetivações no presente que criam uma intensidade de produções de sentido em relação às coisas do mundo.

Segundo Filho e Procópio (2023) presença significa uma dimensão que não precisa interpretar todas as coisas que nos cercam, argumento que nos faz contestar os controles do poder moderno. Conforme os autores (2023) essa perspectiva gumbrechtiana está interligada ao potencial da experiência estética que ao olhar para o real vai além de uma explicação racional porque sente a realidade e por ela é afetada. O que permite avistar o passado e o futuro a partir de uma visão ampla e não linear. Dessa forma, temos atualizações geradas e alteradas pelas experiências de presença de um passado que ainda não se encerrou e de um futuro ainda em aberto.

3 - NOSSO AMPLO PRESENTE

Para Gumbrecht (2015, p. 14-15) o cronótopo⁵ da consciência histórica que era confundido com o próprio tempo foi ultrapassado. Contrastando com o cronótopo contemporâneo, o autor apresenta seis aspectos que estruturam a consciência histórica descrita por Koselleck⁶: Primeiro, a humanidade “historicamente consciente” se imagina num percurso linear, movimentando-se no tempo. Exemplo: o homem que se move e não o tempo. Segundo o “pensamento histórico” pressupõe que todos os fenômenos são influenciados pela mudança no tempo. O tempo surge como agente absoluto de transformação. Exemplo: é como se o tempo fosse o culpado dos acontecimentos sociais e não as ações dos homens. Terceiro, à medida que a humanidade se movimenta ao longo do tempo, acredita que vai deixando para trás o passado. Exemplo: menosprezo pelas referências do passado que não possui ponto de orientação. Quarto, o futuro se apresenta como horizonte aberto de possibilidades em direção ao qual a humanidade vai construindo o seu caminho. Exemplo: a crença de que no futuro tudo estará bem. Quinto, o presente se estreita entre o futuro e o passado tornando-se um instante imperceptível de transição. Exemplo: a modernidade faz com que não se possa perceber o presente, implicava o futuro como tempo melhor. Sexto, a morada epistemológica do sujeito

⁵ A palavra cronótopo, apesar de estar bem consciente de que este uso não transmite todas as nuances em que os alunos de Mikhail Bakhtin, que deu origem à expressão, insistiriam) (GUMBRECHT, 2015, p. 94).

⁶ Ver em: KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora da PUC-Rio, 2006.

cartesiano é no presente estreitado dessa “história”. Exemplo: as experiências do passado serviam como modelos para o presente e futuro. Poderia escolher dentre as possibilidades oferecidas pelo futuro.

Por meio dos elementos apresentados, refletimos sobre nossas experiências como formas de existência, que transformam o tempo vivido em potenciais significados que podem ser transmitidos.

A narrativização da experiência é a decorrência e consumação da busca de sentido para o tempo vivido através da organização do puro dever em um todo com princípio, meio e fim, no qual o encadeamento dos acontecimentos sugere por si mesmo uma inteligibilidade a ser interpretada e apropriada pelo ouvinte, leitor ou espectador (OLIVEIRA, 2015, P. 302).

Consoante Coradini *et al.* (2019) a relação entre o passado e o futuro sofre alterações, assim, o espaço contemporâneo é ocupado pelo acúmulo de passados (coisas), enquanto o futuro não está disponível como possibilidade de melhores escolhas. Logo, a perspectiva histórica historicista é deslocada para um tempo de simultaneidades. No presente amplo, o passado não é deixado para trás, ao contrário, ele convive com o presente, onde há uma variedade de informações do passado que inundam o tempo presente em todos os lugares, numa mistura de espaço e tempo.

Assim, compreendemos a urgência atual de examinarmos alguns passados mal resolvidos que ainda habitam nosso presente. O futuro é ameaçador porque apresenta previsões ruins, reduzidas pelo processo de estagnação causado por certos movimentos, como desmatamento, aquecimento global, escassez de água potável, esgotamento do petróleo, aumento de desempregados, crescimento sem controle de grandes cidades, entre outros. Para Filho e Procópio (2023), é importante subverter o presente amplo, descrito por Gumbrecht (2012) como uma dimensão de potência para estranhar o que se impõe às nossas vidas, pois, elas vão além do que é projetado para elas.

Levando-se em conta o alto valor da subjetividade, que tem base na experiência individual e no imediato, como fonte indubitável de verdade, nossas atenções são direcionadas para as fronteiras das memórias e testemunhos como fontes de conhecimento (SARLO, 2007 *apud* FILHO e PROCÓPIO, 2023, p. 265).

Conforme Sanz (2004, p. 13-14), o que está sendo demonstrado aqui é que, no decorrer desta temporalidade histórica, não há mais a possibilidade de observarmos os fenômenos sem alterações. Estamos enfrentando um presente repleto de passados que

dificultam nossas ações no presente e limitam as perspectivas de futuro. Com a aceleração do tempo e a impossibilidade de concretizar o presente e a necessidade de criar um futuro, caminhamos para o mundo abstrato de coisas intangíveis que buscam representar um futuro que não surge, uma vez que a velocidade da pós-modernidade ultrapassa nossa capacidade de olhá-lo por um instante.

4 - NARRATIVAS COMO EXPERIÊNCIAS

Nos discursos literários contemporâneos, o jornalismo em quadrinhos, por sua natureza imagética e textual, promove o encontro entre os personagens, o jornalista, o outro e o eu: “o que também ocorre nos outros espaços propícios à expressão das subjetividades, como o espaço midiático, que, por sua própria estrutura, permite a visibilidade tão desejada” (PIMENTEL, 2011, p. 07). A pesquisadora (2011) pondera sobre as consequências da relação literária com tecnologias que são capazes de modificar a criação de subjetividades do mesmo jeito que surgem outros tipos textuais. O jornalismo em quadrinhos pode ser considerado um novo tipo textual, uma forma de jornalismo que se assemelha à literatura e consegue expressar outras subjetividades. Assim, em nosso entendimento, o jornalismo em quadrinhos vai ao encontro do pensamento benjaminiano, se direcionando para a ambiência moderna com sua capacidade de modificar os processos naturais e a experiência do tempo, da arte e da história num mundo estruturado por fragmentos ocasionais. O tipo textual que aborda a exposição do sujeito e sua experiência real pode surgir em uma narrativa gráfica.

Essa “montagem literária” está nitidamente vinculada à ideia de uma montagem de cinema, numa lógica não-linear e em estilo fragmentário que ilustravam plasticamente o sentido da experiência moderna: justaposições anárquicas, encontros aleatórios, sensações múltiplas e significados incontroláveis (SANZ, 2004, p. 05).

Diante do exposto, Conceição e Mafra (2023b) alertam que a reportagem em quadrinhos surge num contexto jornalístico contemporâneo caracterizado pela aceleração. Dessa forma, a modernidade nos tirou a capacidade de narrar, deixando o passado de lado. A crise da narrativa é provocada pela redução comunicativa da experiência na modernidade, era da informação e da técnica: “na atualidade, atribui-se a dificuldade de comunicação entre os indivíduos à “fragmentação da subjetividade”, que se forma na experiência” (BENJAMIN, 1993 *apud* PIMENTEL, 2011, p. 06). Por exemplo: notícias propagadas no jornalismo contemporâneo, diversas emissoras,

especializadas em jornalismo, fragmentam essas notícias repetidas em um curto espaço de tempo. Num dia, em um horário, programa, apresentador e emissora diferentes.

Observa-se que atualmente muitos indivíduos não se dão conta dos eventos do dia a dia devido ao excesso de informações, ao aumento de horas trabalhadas ou à falta de tempo para buscar mais informações sobre um acontecimento. Conceição e Mafra (2023b) afirmam que a credibilidade de uma notícia pode ser atribuída à sua primeira aparição como fonte midiática informacional, ou seja, a profundidade que falta às notícias transmitidas pelos meios de comunicação de massa não está presente no entorno do leitor/espectador.

5 - ANÁLISE

Na reportagem em quadrinhos *Planeta em colapso*⁷ (2024), Pablito Aguiar representou, a partir de seus desenhos, em maio de 2024, a paisagem urbana de Alvorada, no Rio Grande do Sul. Nos quadros, as imagens do alagamento contrastam com o texto que afirma a ocorrência de outras enchentes em anos anteriores, trazendo consigo as noções de tempo, tempos e sentidos, repetindo eventos trágicos que parecem se tornar cada vez mais graves. As enchentes que ocorreram nos últimos anos remetem a um passado orientado pela lógica do progresso que se mantém no presente, sob as mesmas condições, ou seja, o que importa é o futuro e não a terra devastada. Temporalidades que se misturam na contemporaneidade e geram sentimentos distintos no tempo e no espaço.

Os eventos narrados e testemunhados na reportagem em quadrinhos de Pablito Aguiar, apresentam objetos e fenômenos que surgem aos olhos dos leitores, mediante uma experiência artística-filosófica. Experiência que revela a sensibilidade do repórter, aliada às suas capacidades de compreender o mundo sob outros ângulos, que o faz congelar algo no interior do acontecimento, pelo menos por um instante, produzindo uma sensação de presença que se estende pelo tempo e pelo espaço, não apenas como lugares de passagem, mas como pontos de reflexão. Dessa forma, parte do que estava obscurecido nessa história trágica, em determinado momento, surge sob a perspectiva do jornalismo em quadrinhos como uma dimensão de presença, criada pelos olhares sensíveis do artista, filósofo, personagem e leitor.

⁷ O quadrinista Pablito Aguiar entrevista Jeferson Moura de Melo (Maninho) e Vanja Moura de Melo, moradores de Alvorada, no Rio Grande do Sul, enquanto eles percorrem de barco ruas alagadas em busca de um lugar seguro. Disponível em: <https://sumauma.com/category/reportagem-em-quadrinhos/> Reportagem em Quadrinhos – SUMAÚMA. Acesso em 31-05-24.

Figura 1 – Quadros de *Planeta em colapso* – Reportagem em quadrinhos



Fonte: Pablito Aguiar, 2024. <https://sumauma.com/category/reportagem-em-quadrinhos/>

A narrativa em questão materializa (produção de presença) certos eventos de um passado próximo, essa materialização traz ao presente uma ambiência atemporal. Os sentimentos dos personagens emergem como manifestações de temporalidades distintas (como apontado pelo personagem em 2015, quando havia sofrido outra regredida de enchentes), e continuam se manifestando no presente, ocultando qualquer solução de um futuro possível.

Figura 2 – Quadros de *Planeta em colapso* – Reportagem em quadrinhos



Fonte: Pablito Aguiar, 2024. <https://sumauma.com/category/reportagem-em-quadrinhos/>

A passagem enunciada por Jeferson Moura de Melo: “Mas dessa vez, agora, na real... eu tô só vivendo, tô fazendo o que tem que ser feito... Cada dia tu faz alguma coisa...”. A declaração indica que o futuro não oferece mais opções de escolha, abandonando a visão histórica do mundo em relação ao presente, que apresenta diversas ameaças, como a tragédia ambiental que atingiu o Rio Grande do Sul, considerada uma das maiores das últimas décadas, enchente (inundação) que matou dezenas de pessoas e desabrigou milhares de pessoas em todo o Estado. A tragédia anunciada pela velocidade do progresso redonda em um presente que ainda necessita de reconstrução e um horizonte

sem expectativas para aqueles que perderam, mais do que casas, móveis e outros bens materiais, a vida de entes queridos.

Figura 3 – Quadros de *Planeta em colapso* – Reportagem em quadrinhos



Fonte: Pablito Aguiar, 2024. <https://sumauma.com/category/reportagem-em-quadrinhos/>

A violência causada pelo progresso, em sua ordenação catastrófica, acumula-se em traumas provocados pelo desembaraço de testemunhos que puderam ser captados através do jornalista e seus desenhos, reproduzindo realidades como a de Jeferson Moura de Melo, quando declara: “naquele período ali eu tive dois momentos de crise de ansiedade. Fiquei sem força pra falar... eu canto, e tinha que apresentar um projeto de música”. A representação do real através do testemunho de Jeferson não é a mesma realidade vivida no interior da tragédia por outras pessoas. Cada um tem sua própria experiência sob as tempestades que enfrentou diante de sentimentos traumáticos mais ou menos profundos e, portanto, perplexos de camadas do tempo.

Figura 4 – Quadros de *Planeta em colapso* – Reportagem em quadrinhos



Fonte: Pablito Aguiar, 2024. <https://sumauma.com/category/reportagem-em-quadrinhos/>

Dessa forma, temos como interlocutora da presença, uma narrativa gráfica que se apresenta pelo jornalismo em quadrinhos, permitindo que os leitores, personagens e

narrador conversem com as dimensões temporais de certos passados, transformando a tragédia e os sentimentos numa produção de presença. Uma história narrada por um jornalista que esteve no local do evento, ouviu testemunhas factuais e, por meio de fontes textuais e imagéticas, construiu uma narrativa com propriedade de uma experiência artística-filosófica.

6 - CONCLUSÃO

Observamos uma dimensão de presença que surge como uma ligação e intercâmbio temporal a partir de uma experiência artístico-filosófica. Porque surgem sentimentos ligados ao passado de Jeferson, que se manifestam em seu presente e não garantem seu futuro. O presente de Jeferson é caracterizado pela falta de esperança, uma vez que não há previsões otimistas para o futuro, fatores decorrentes dos eventos do presente que se expandem cada vez mais devido aos múltiplos passados que habitam simultaneamente o presente.

Desse modo, concluímos que uma dimensão de presença pode se estabelecer mediante um intercâmbio temporal, pois, os eventos do passado influenciam o presente e o futuro, em destaque, o contemporâneo dificulta qualquer tipo de produção de confiança frente a passados e futuros específicos, impossibilitando a realização e/ou felicidade dos indivíduos que vivem, convivem ou sobrevivem no amplo presente.

A experiência artística-filosófica pode ser caracterizada pela ação do jornalista em quadrinhos em conjunto com o personagem, filósofo (autor do texto e referencial teórico) e o leitor. Esse movimento possibilitou o desenvolvimento de uma reflexão crítica e experiencial, tensionando o evento com sua unicidade, a fim de reconhecer a singularidade do evento. Ao contrário, se comparados a outros episódios, nada mais seria do que a incapacidade de se identificar. A historicização das coisas em suas dinâmicas textuais e imagéticas, umas ligadas às outras, resultou na potência de uma instabilização temporária diante de um tempo tão acelerado pela energia do progresso.

Sabemos que outras perspectivas epistemológicas podem surgir como tentativas de reflexão sobre o tema em evidência. Isso permitirá uma análise mais aprofundada sobre a reportagem em quadrinhos *Planeta em colapso*, seja no seu interior moldado por múltiplas camadas ou em outras temporalidades que a envolvem. Mas sem as comparar, apenas sentindo suas presenças de forma única, assim como elas são.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Pablito. **Planeta em colapso.** Disponível em: <https://sumauma.com/category/reportagem-em-quadrinhos/>. Acesso em 31-05-24.
- CONCEIÇÃO, J. C. R. e MAFRA, R. L. M. A. **A instabilidade temporal do contexto e a verdade poética: para entender o jornalismo em quadrinhos.** 9a Arte, São Paulo, SP, v. 11, 2023a.
- _____. **A emergência de experiências públicas no Jornalismo em Quadrinhos na contemporaneidade: produção de presença em Notas de um tempo silenciado.** INTERIN, v. 28, n. 1, p. 170-189, jan./jun. 2023b.
- CONCEIÇÃO, J. C. R. **O jornalismo em quadrinhos reverberando nuances de um grande acordo nacional.** Cadernos UniFOA, Volta Redonda, v. 18, n. 52, p. 1-14, 2023.
- CORADINI, Angela, GALINDO, Dolores e SOARES, Ana Isabel. **Imagens espectro de futuridade no amplo presente.** Artefilosofia, N°25, dezembro de 2018, P. 103-120.
- FILHO, Maurício João Vieira & PROCÓPIO, Mariana Ramalho. **Memórias LGBTQIA+ no Brasil contemporâneo: Disputas por silenciar e resistir.** Cadernos de Gênero e Diversidade. Vol 9, N. 3, Jul. - Ago. 2023.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Instead of Comparing: Six thoughts about engaging with a post-historical past.** Public Seminar, October 2020. Traduzido por BELLIN, Greicy Pinto. Revista de Teoria da História 24|2 - 2021.
- _____. **Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea.** 1. ed. — São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- _____. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.
- _____. **Os poderes da filologia: dinâmica do conhecimento textual.** Rio de Janeiro. Contraponto, 2021.
- MAFRA, R. L. M. **As organizações modernas e o contemporâneo: notas para uma leitura comunicacional do presente.** Logos 58, Vol. 28, n 3. PPGCOM UERJ / Dossiê Espessuras Temporais da Comunicação, P. 89-105, 2021.
- OLIVEIRA, Bernardo Barros Coelho de. **As narrativas seriadas e a experiência contemporânea.** Depto. de Filosofia da Universidade Federal Fluminense (UFF). 2015.
- PIMENTEL, Daise. **A presença do eu nas expressões do contemporâneo: relendo Walter Benjamin.** XII Congresso Internacional da ABRALIC Centro, Centros – Ética, Estética. 18 a 22 de julho de 2011 UFPR – Curitiba, Brasil.
- RANGEL, Marcelo de Mello & ARAÚJO, Valdei Lopes de. **Apresentação - Teoria e história da historiografia: do giro linguístico ao giro ético-político.** hist. historiogr. Ouro Preto, n. 17, p. 318-332, abril de 2015.

SANZ, Cláudia Linhares. **Modernidade Epistemológica e Aceleração do Tempo**. Trabalho apresentado ao NP 01 – Teorias da Comunicação, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, coordenado pelo Prof. Dr. Giovandro Marcus Ferreira. (UFBA). 2004.